

## **Retrocesso**

*J. Roberto Whitaker Penteadó*

Até muito pouco tempo atrás, as comunicações diárias entre as pessoas faziam-se através de uma das seguintes três maneiras.

No. 1 - Carta. Você escrevia uma carta, a mão ou a máquina, fazia uma cópia - com papel carbono (nos tempos antigos) - ou xerox (mais recente), dava para a secretária que a punha dentro de um envelope, colava o selo, entregava para o boy, que levava à expedição, que dava para outro boy, que ia ao correio, entrava na fila, entregava a carta, o funcionário carimbava, etc. etc. etc. e - tudo correndo bem - umas 48 ou 72 horas depois ela estaria sendo entregue ao destinatário, se ele morasse perto. Longe, demorava mais. Esse sistema servia, também, para enviar objetos não muito volumosos.

No. 2 - Fax. Você escrevia uma carta, a mão ou a máquina, não precisava fazer cópia, dava para a secretária, que discava o número do destinatário e - conseguindo a ligação - o que estivesse no papel aqui era reproduzido lá, desde que fosse em preto. Era quase instantâneo.

No. 3 - Telefone. Você - ou sua secretária - discavam para a outra pessoa - e, uma vez vencidos os prolegômenos e as barreiras - que podiam ser muitos e, às vezes, intransponíveis, dependendo da "importância" do distinto, ou da distinta - ficava cara a cara, ou boca a boca, diante do seu interlocutor para uma conversa às cegas. Embora o telefone seja, de fato, instantâneo, o maior problema com esse tipo de comunicação é que não concede a nenhuma das partes o tempo para pensar - muitas vezes indispensável para concluir uma negociação ou mesmo discutir eficazmente um assunto importante.

Hoje, dispomos da mensagem eletrônica, ou e-mail.

Com o e-mail, você se comunica instantaneamente com qualquer pessoa - esteja onde estiver (desde que disponha de um computador conectado à rede); envia a essa pessoa, se for preciso, todos os 35 volumes da Enciclopédia Britânica, que não levarão mais do que alguns minutos para chegar ao destino; ou manda fotos, um vídeo ou uma trilha sonora. Tudo isso em cores e sons. E - o que para mim é o melhor - seu parceiro do lado de lá, no Rio ou em Tóquio, poderá dispor de tempo para tomar conhecimento da sua mensagem, refletir e respondê-la da melhor maneira possível, através do mesmo processo.

É possível que venhamos a ter - um dia - o aparelho transmogrificador (aquele da tira de Calvin e Haroldo) que enviará corpos sólidos - e até vivos - de um ponto a outro do planeta. Mas, enquanto isso não vem, o e-mail é o máximo, o supra-sumo das comunicações, algo que eu não gostaria - de repente - de não ter.

E, no entanto, acredite: é exatamente esse o risco que estamos correndo nesse momento. Não que vamos deixar de tê-lo, mas o e-mail pode - de repente - deixar de ser uma comunicação confiável. As coisas estão acontecendo insidiosamente e invisivelmente, nos corredores e nas salas dos servidores - gerenciadas por aqueles indivíduos sem alma e sem cérebro que são os especialistas em informática (a maioria). Tudo começou com a guerra contra o spam. A pretexto de nos proteger contra o spam - os donos dos servidores começaram a criar "filtros" que, junto com o spam, filtram e fazem desaparecer - sem deixar traço - diariamente, milhares de comunicações absolutamente honestas. Se não acha possível, faça um teste mental, agora mesmo: na última semana, quantos e-mails seus deixaram de chegar ao destino? E quantos bons e-mails enviados a você você deixou de receber?

Acredita, agora?

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Retrocesso. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadó**, Rio de Janeiro, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=270&ID=259>>. Acesso em: 10 set. 2009.